

FIM DO CORTE MANUAL DA CANA-DE-AÇÚCAR NA MICRORREGIÃO DE ITUIUTABA (MG) E OS IMPACTOS PARA OS TRABALHADORES

Patrícia Francisca de Matos

Universidade Federal de Goiás, RC/Catalão, Brasil
patriciafmatos@yahoo.com.br

Marina Franco Fratari

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), FACIP, Uberlândia, MG, Brasil
marinafratari@hotmail.com

Rogério Gonçalves de Carvalho

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), FACIP, Uberlândia, MG, Brasil
rogerio.cars@hotmail.com

RESUMO

A expansão da produção canavieira na Microrregião de Ituiutaba (MG) vem reestruturando o espaço agrário, principalmente, nos municípios que tiveram a instalação de usinas – Ituiutaba, Santa Vitória e Capinópolis substituindo culturas, concentrando terras e modificando as relações de trabalho, principalmente nos municípios que estão instaladas as usinas. Como consequência da territorialização das usinas e da expansão da produção de cana, a mão-de-obra para o corte manual se fez presente até o ano de 2013. Todavia, a falência de duas usinas e a mecanização do corte da cana-de-açúcar contribuíram para que os postos de trabalho do cortador de cana fossem extintos. Nesse contexto, torna-se importante mostrar, como tem sido a inserção desses trabalhadores no mercado de trabalho, quais as principais dificuldades e incertezas que estão enfrentando. Para atingir os resultados, pautou-se na abordagem qualitativa, por meio da aplicação de formulários com oitenta trabalhadores que cortavam cana na região e entrevista com o Presidente do Sindicato dos trabalhadores. Os dados revelaram que maioria dos trabalhadores pesquisados não deixaram de laborar de forma precária, sem carteira assinada, na informalidade e com grande perda salarial.

Palavras-chave: Cana-de-açúcar; trabalho; mecanização; precarização

"END" OF MANUAL SUGARCANE CUT IN ITUIUTABA (MG) AND ITS IMPACTS FOR WORKERS

ABSTRACT

The expansion of sugar cane production in the Microregion of Ituiutaba (MG) has been restructuring the agrarian space, principally in the municipalities that had the installation of plants - Ituiutaba, Santa Vitória and Capinópolis. Replacing crops, concentrating land and modifying the labor relations, especially in the municipalities that are installed as plants. As a result of the territorialization of the plants and the expansion of sugar cane production, manual labor force was present until the year 2013. However, a bankruptcy of two sugar plants and the mechanization of sugarcane cutting contributed to the jobs of the sugar cane cutters were extinct. In this context, it is important to demonstrate as has been the insertion of workers in the labor market, which are the main difficulties and uncertainties that they are facing. To obtain this results it was used the qualitative research with the application of forms with eighty workers who cut cane in the region and interview with the President of the labor Union. The data revealed that most of the workers surveyed did not stop working in a precarious way, without a formal contract, in the informality and with great wage loss.

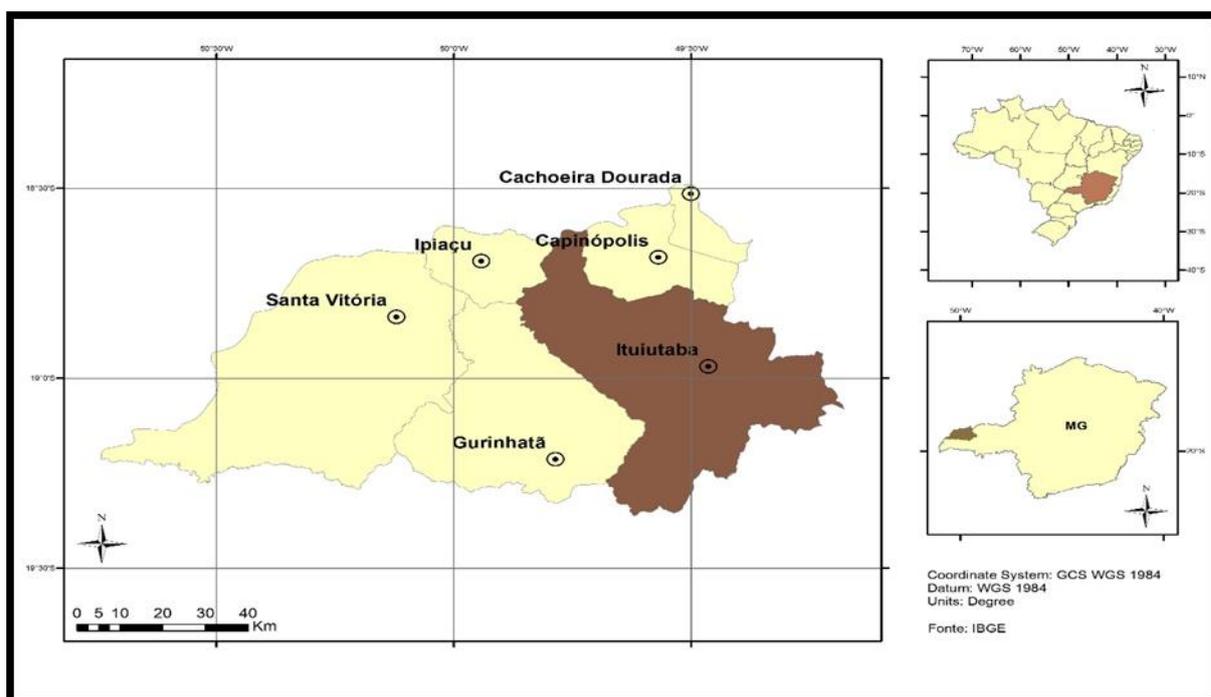
Keywords: Sugarcane; job; mechanization; precarization.

INTRODUÇÃO

O Brasil tornou-se, há quase duas décadas, um importante produtor e consumidor de biocombustíveis, com destaque para o etanol. A necessidade de substituição dos combustíveis fósseis por “combustíveis limpos” conferiu uma posição de destaque ao etanol brasileiro. Com o mercado promissor, o Brasil tem sido palco de um crescimento do cultivo de cana-de-açúcar para produção de etanol, açúcar e energia.

O estado de Minas Gerais conforme dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) constitui um dos maiores produtores de cana-de-açúcar do país, perdendo apenas para São Paulo e Goiás. A região do Pontal do Triângulo Mineiro tem se destacado no crescimento do setor, principalmente, a Microrregião Geográfica de Ituiutaba, a (Figura 1).

Figura 1: Microrregião Geográfica de Ituiutaba/MG



Elaboração: MACIEL, C, J.(2013)

A expansão da produção de cana-de-açúcar tem reestruturado o espaço agrário dos municípios da Microrregião de Ituiutaba, principalmente, os que tiveram a instalação de usinas – Ituiutaba, Santa Vitória e Capinópolis, alterando as relações de produção e trabalho, substituindo culturas e concentrando terras. O cultivo da cana-de-açúcar vem se expandindo em territórios de agricultura e da pecuária, situação particularmente visível nas propriedades localizadas no raio de 70 quilômetros das usinas, o que leva à diminuição gradativa da produção diversificada de alimentos e culmina na monocultura da cana-de-açúcar.

Como consequência da expansão das lavouras de cana, a mão-de-obra migrante para o corte da cana se fez presente nos municípios da Microrregião até 2013. No ano de 2013, duas usinas tiveram suas atividades produtivas suspensas na Microrregião de Ituiutaba, gerando impactos, sobretudo, em relação aos empregos diretos e indiretos fornecidos, inclusive dos cortadores de cana. A falência dessas usinas, a mecanização do corte da cana-de-açúcar contribuíram para que os postos de trabalho do cortador de cana na região fossem extintos.

Em Minas Gerais, assim como em outros estados produtores, a colheita da cana-de-açúcar está em substituição do sistema tradicional, considerada a colheita manual da cana inteira com a queimada prévia do canavial, para o sistema de colheita mecanizada de cana sem queima do canavial. Uma das razões para essa substituição é a implementação de leis que preveem a redução gradativa das queimadas, sendo permitida apenas em áreas com declividade acima de 12%, em razão da limitação

do maquinário nessas áreas. Vários são os impactos sociais associados ao fim do corte manual, o principal deles é o desemprego dos trabalhadores.

Embora a mecanização e a proibição da queima apresentem um lado positivo para o meio ambiente, em contrapartida, geram prejuízos para os trabalhadores que perdem seus postos de trabalho - Para os trabalhadores, não é compensatório cortar cana crua, sem queimá-la e receber por produtividade, visto que um dos motivos da queima é justamente facilitar o processo da colheita. Conforme a fala de um trabalhador, consegue cortar, em média, 12 toneladas por dia de cana queimada, contra 6 toneladas de cana não queimada. Todavia, é importante destacar que não coube ao trabalhador decidir se querem cortar cana crua ou não, simplesmente, seu trabalho foi sendo substituído pela máquina em função da produtividade - uma colheitadeira substitui cerca de 100 trabalhadores.

Nesse contexto, objetiva apresentar, como tem sido a inserção no mercado de trabalho dos trabalhadores cortadores de cana, com fim do corte manual na Microrregião de Ituiutaba. A metodologia da pesquisa adotada pautou-se em revisão teórica e abordagem qualitativa, por meio da aplicação no ano de 2015 de formulários com oitenta trabalhadores que cortavam cana na região. Para a seleção dos trabalhadores levou-se em conta aqueles que trabalharam mais tempo na atividade, indicação dos próprios trabalhadores e do Sindicato, todos do sexo masculino, em função de na região, ter sido uma atividade predominantemente exercida por homens. A aplicação dos formulários ocorreram nas residências dos trabalhadores na cidade de Ituiutaba, Capinópolis e Ipiacau aos finais de semana e feriados, com horários previamente agendados. O roteiro, composto de dez perguntas fechadas tinha como finalidade levantar dados sociais, como origem, idade, estado civil, escolaridade, tempo de trabalho no corte manual da cana, rendimento financeiro no corte da cana e atual, e cinco questões abertas versava sobre as principais dificuldades do corte manual da cana, as condições atuais de trabalho e os impactos do processo de mecanização da cana para os trabalhadores.

A EXPANSÃO DA CANA PARA AS “ TERRAS” DO TRIÂNGULO MINEIRO

A partir dos anos de 2000, vários incentivos foram viabilizados pelo governo e também pela iniciativa privada, tanto nacional quanto internacional, possibilitando a expansão da produção de cana em diversas regiões do país, por conta da necessidade de substituição dos combustíveis fósseis por combustíveis “limpos” e do aumento da fabricação dos automóveis bicombustíveis. No Brasil a principal fonte de energia da matriz energética dos biocombustíveis é a cana-de-açúcar. Por isso, a expansão dessa cultura tem ocorrido em vários estados do país, fazendo do Brasil o maior produtor mundial de cana, com produção em 2015 de 748.636.167 toneladas. Entre os estados que se destacam no processo dessa expansão, está o estado de Minas Gerais que ocupou em 2015 de acordo com os dados do IBGE o terceiro lugar, com 9,20 da produção nacional, perdendo posição apenas para o estado de São Paulo que representou, 56, 60% e Goiás, 9,40%, conforme dados da tabela 1. Minas Gerais, especificamente o Triângulo Mineiro, tornou-se território propício para crescimento do setor, em função dos fatores considerados primordiais e estratégicos: físicos (clima, solos, declividade, recursos hídricos), localização, logística e incentivos governamentais.

Tabela 1: Produção (t) de cana-de-açúcar no Brasil e nas regiões, 1975 -2015. (anos selecionados)

Região	1975	1985	1995/6	2005	2010	2015
Norte	183.099	281.366	182.753	1.085.211	2.071.620	4.371.436
Nordeste	31.130.630	62.624.054	47.075.814	60.874.754	68.789.20	61.546.275
Sudeste	45.432.287	146.664.439	173.073.683	291.991.211	498.884.508	499.677.593
Sul	2.815.269	12.327.580	20.197.769	24.659.973	50.286.221	48.587.170
Centro-Oeste	423.915	7.984.595	19.276.684	37.777.571	97.430.026	134.453.693
Brasil	79.985.200	229.882.034	259.806.703	326.121.11	717.462.101	748.636.167

Fonte: Censo Agropecuário de 1975, 1985, 1995/6 e Produção Agrícola Municipal de 2005, 2010 e 2015.

Org: MATOS, P. F., 2016.

A cultura da cana-de-açúcar está ligada à história econômica do Brasil. Quanto ao processo usineiro, este compreende a existência de quatro períodos (ANDRADE, 1994): o primeiro, com incentivos do governo imperial, nos anos 1870, para a criação de engenhos centrais; o segundo, com a criação do

IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool), para incentivar a produção de cana para o fabrico de açúcar e álcool; o terceiro se estendeu pelo período entre 1950 e 1970, caracterizado pelo desmoronamento das políticas do IAA; o quarto inicia-se nos anos de 1970, com as políticas públicas para modernizar e aumentar a produção da cana-de-açúcar, visando ao crescimento da produção do álcool, integrando-se, dessa forma, na política energética do país (MATOS, 2011).

Essas políticas foram projetadas devido à crise do petróleo, ocorrida na década de 1970, que gerou grande impacto sobre a economia de muitos países. Para minimizar o desequilíbrio na balança comercial brasileira, causado pela brusca elevação dos preços do petróleo, o Estado decidiu implantar políticas públicas para o setor energético, com o objetivo de criar alternativas energéticas, contrapondo-se à dependência do petróleo. O principal programa criado foi o PROÁLCOOL - considerado um dos maiores programas mundiais de energia renovável, tinha o desígnio de estimular o crescimento dos canaviais, usinas e destilarias para a produção do álcool, buscando atender o mercado interno e externo.

Após o PROÁLCOOL, emergiu no início do século XXI, outras formas de investimentos do governo para expansão da produção dos biocombustíveis, que colocou novamente a cana como a principal opção na produção de álcool, promovendo nos lugares de territorialização do setor sucroenergético novas paisagens, novas formas de produção e novos usos do território. A Microrregião de Ituiutaba, considerado uma das principais áreas de expansão em Minas Gerais, ainda que se afirme a contribuição dessa monocultura para o crescimento econômico, é mais uma atividade agrícola responsável por inúmeros prejuízos sociais e ambientais.

A produção da cana-de-açúcar foi ocupando espaço na produção dos municípios de Microrregião de Ituiutaba, sobretudo, a partir de 2005, expandindo a área plantada e a produção. Os municípios de destaque na produção é Santa Vitória, Ituiutaba e Capinópolis, que juntos produziram em 2015, 3.637.480 toneladas, em uma área de 76.214 hectares. Conta com duas importantes usinas, a British Petroleum (BP), instalada no município de Ituiutaba e a Santa Vitoria Açúcar e Alcool de capital (SVAA) em Santa Vitória. A Companhia Energética Vale do São Simão encontra com suas atividades paralisadas estando em estado de recuperação judicial, e do Grupo João Lyra, que decretou falência no ano de 2013.

A expansão da cana na Microrregião de Ituiutaba tem ocorrido principalmente por arrendamentos e parcerias, em função das usinas precisar de uma grande quantidade de terra para o cultivo da cana-de-açúcar. Isto tem possibilitado a modificação do processo produtivo dos municípios da Microrregião de Ituiutaba que têm apresentado aumento na produção da cana e a diminuição da produção de arroz, feijão, milho, hortaliças, entre outros, contribuindo, dessa forma, para o decréscimo da produção de alimentos a nível local e regional.

Em relação a colheita de cana, a Microrregião, durante vários anos, tornou-se polo de atração para trabalhadores que vinham trabalhar no período da colheita (geralmente do mês de maio a outubro) e retornavam no final e, também, para os que permaneciam, trazendo sua família e fazendo dessa região seu lugar de residência. Estes trabalhadores, por sua vez, eram submetidos a formas precárias de trabalho, como relata o vídeo intitulado “Nas trilhas da cana”, feito por membros do Grupo de Estudos e Pesquisas Agrárias e Trabalho – GEPEAT.

A precarização acompanham a trajetória do trabalho do cortador de cana. Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores é o esforço físico necessário na atividade do corte da cana e a exposição ao sol; passam o dia realizando movimentos repetitivos, sob rígido controle de um fiscal que determina a divisão dos eitos. Geralmente, os trabalhadores mais produtivos são colocados lado a lado, o que contribui para a competitividade entre eles.

Não bastasse a extenuante jornada de trabalho e o esforço físico, não se alimentam de forma adequada e suficiente para repor as calorias gastas nas várias atividades do processo da colheita: cortar a cana rente ao solo; corte do pendão, transporte até o eito. Por isso, o ideal no processo da colheita, seria o trabalho em equipe, com rotação de tarefas e o salário não ser por produção.

Trata-se de uma forma de salário mais vantajosa ao capitalista uma vez que a intensidade do trabalho não depende dos investimentos em capital constante, mas do próprio trabalhador. É um salário que reforça as diferenças de habilidade, força, energia, perseverança dos trabalhadores individualmente, provocando diferenças nos seus rendimentos e o estabelecimento de concorrência entre eles. Esta competição estimula o aumento da intensidade do trabalho e, conseqüentemente, da produtividade. (SILVA, 1999, p.86).

A autora adverte, ainda, que

O mecanismo de controle externo acaba sendo introjetado pelo próprio trabalhador, de tal forma que ele se transforma em autocontrole, deixando de ser um controle de atos para ser do próprio indivíduo. Isto é conseguido por intermédio da forma de pagamento (por tonelada) e também pela concorrência velada que se estabelece entre os trabalhadores, diferenciando-os, hierarquizando-os. Produz-se, assim, a figura do “bom cortador de cana”, aquele que corta em torno de dez toneladas diárias. Aqueles que estão muito abaixo desta média sentem-se incapazes, envergonhados, inferiorizados. (SILVA, 1999, p. 202, grifos da autora).

Como forma de pagamento, as usinas utilizam a produção, uma espécie de armadilha, porque “obriga” o trabalhador a trabalhar de forma intensa para ter melhor remuneração salarial. Para Santos (2013, p. 169),

O seu ritmo no trabalho está, portanto, condicionado ao que tem de pagar, como o aluguel da moradia e o alimento de que necessita para recobrar as forças e se recuperar para a jornada do dia seguinte. Assim, pode-se afirmar que o trabalhador trabalha sempre num ritmo alucinante porque seu salário é insuficiente para satisfazer todas as suas necessidades de reprodução social, quer sejam as necessidades materiais como as de moradia, vestimenta e alimentação, quer sejam as necessidades espirituais que envolvem o lazer, sociabilidade e sua formação. (SANTOS, 2013, p. 169).

Mediante a artimanha do capital, o aumento da exploração sobre o trabalhador ganhou expressividade, como exemplo, para ser considerado produtivo na década quinze anos depois, esse número aumentou para cerca de 15 toneladas por dia. Ou seja, cada vez mais cobra-se o esforço físico do trabalhador, e por isso, é comum o acirramento de doenças e/ou a morte dos trabalhadores. Para Santos (2013, p.178), o extenuante esforço físico executado pelo cortador de cana, somado ao ambiente poluído com hidrocarbonetos e material particulado fruto das queimadas da cana, ocasiona o aparecimento de alguns sintomas no trabalhador, entre eles doenças cardiovasculares e respiratórias, resultantes do ambiente e das condições de trabalho. Alves (2006), no trabalho intitulado “Por que morrem os cortadores de cana?”, comenta a rotina de trabalho de um cortador de cana-de-açúcar, mostrando com detalhes o processo ao qual está submetido nesta atividade produtiva.

O capital não tem preocupação social com o trabalhador que exerce e/ou exercia sua atividade laboral nos canaviais espalhados pelo território brasileiro, sendo o processo de mecanização resultado de novas diretrizes do capital interessado na redução de custos, conforme destaca Mendonça em entrevista¹

O capital só mantém a mecanização porque é lucrativa em algumas áreas, ele faz a conta entre o investimento com as máquinas e o investimento com homens e mulheres com braços com trabalho vivo, então o capital vai sempre fazer a matemática entre o uso do trabalho morto e o uso do trabalho vivo e ele vai mecanizar se for conveniente a ele, ele não está preocupado com as condições existenciais do trabalhador [...] o que vale para os proprietários dos meios de produção é o quanto ganham é o que podem ganhar, seja com máquinas que é o trabalho morto mas e trabalho social, seja com trabalho vivo que é exatamente a apropriação da mais valia.

Com a mecanização da colheita da cana, o desemprego tem sido um dos principais impactos sociais desse processo, por isso, a necessidade de políticas públicas voltadas para a emancipação desses trabalhadores, um dos caminhos é a realização da reforma agrária.

FIM DO CORTE MANUAL DA CANA-DE-AÇÚCAR NA MICRORREGIÃO DE ITUIUTABA (MG) E OS IMPACTOS PARA OS TRABALHADORES

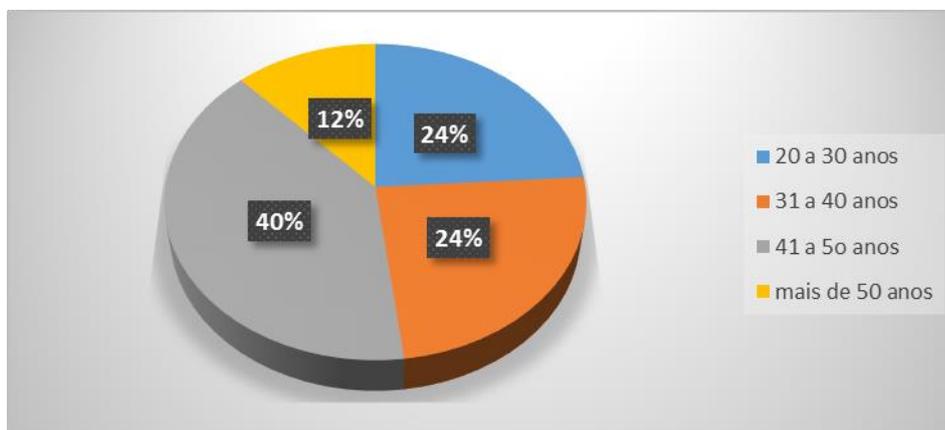
O corte manual da cana permaneceu na Microrregião de Ituiutaba, até o ano de 2013. Para a colheita manual, os trabalhadores do Nordeste, principalmente do estado do Piauí e Alagoas, eram os preferidos das usinas, não apenas porque falta mão-de-obra local, mas porque para as usinas eles apresentavam mais resistência física e maior “submissão” às condições impostas pelas usinas. No período da colheita, havia cerca de mil trabalhadores no corte da cana. Ao término da colheita, muitos

¹ Entrevista concedida ao GEPEAT (Grupo de Estudos e Pesquisas Agrárias e Trabalho) em 28 março de 2013.
Caminhos de Geografia Uberlândia - MG v. 19, n. 65 Março/2018 p. 194–203 Página 198

trabalhadores migrantes ficavam residindo em Ituiutaba ou em outras cidades da Microrregião enquanto outros retornavam às suas cidades de origem. Dos ex-cortadores de cana pesquisados, a maioria (60%) reside na Microrregião de Ituiutaba há mais de cinco anos, 30% estão na região há menos de cinco anos e os demais (10%) são de origem da Microrregião.

Sobre o tempo de trabalho no corte manual, 24% deles trabalharam no corte de 6 a 10 anos; 60% estão entre 1 e 5 anos, somente 16% mais de 10 anos. Em relação à idade dos trabalhadores, 40% têm entre 40 e 50 anos e 48%, entre 20 e 40 anos, (Gráfico 1), comprovando, que essa atividade exige trabalhadores mais jovens, em função, da expropriação da força física. Apesar de mais jovens, apresentam problemas de saúde causados pela precarização do trabalho do corte da cana, como doenças respiratórias causadas pela inalação da fuligem da cana queimada e na coluna e braços provocados pelos movimentos repetitivos. [...] os cortadores de cana apresentam quadros patológicos compostos por doenças como dispnéia, dores lombares e torácicas, câimbras, comprometimentos da coluna vertebral (que se desdobra em incapacidade física), desidratação, oscilações da pressão arterial, problemas gastrointestinais, infecções respiratórias, dermatites, conjuntivites, envenenamento por picadas de animais peçonhentos e agrotóxicos, acidentes de trabalho e de trajeto, entre outras. (SCOPINHO 2003, p. 49)

Gráfico 1: Perfil etário dos trabalhadores que cortavam cana na Microrregião de Ituiutaba (MG)



Fonte: Trabalho de Campo (2015).
Org.: CARVALHO, R, G (2016)

Na pesquisa foi constatada a baixa escolaridade desses trabalhadores, com 64% possuindo apenas o ensino fundamental incompleto, 8% o ensino médio e 28% são analfabetos. Isto colaborou para que eles continuassem a trabalhar de forma precária em outras atividades, sujeitando-se à exploração de sua força de trabalho. Sem formação escolar, esses trabalhadores encontram dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho, sobretudo, com carteira assinada, direitos e cobertura em caso de desemprego e doenças, conforme depoimento de trabalhadores que possuem apenas o ensino fundamental incompleto.

Se eu tivesse pelo menos uma leitura boa, conseguia tirar carteira de motorista para arrumar um emprego de tratorista ou caminhão, mais a vida toda foi lidar com trabalho braçal. O sonho é ter uma carteira assinada, para viver mais tranquilo. (Entrevistado A)

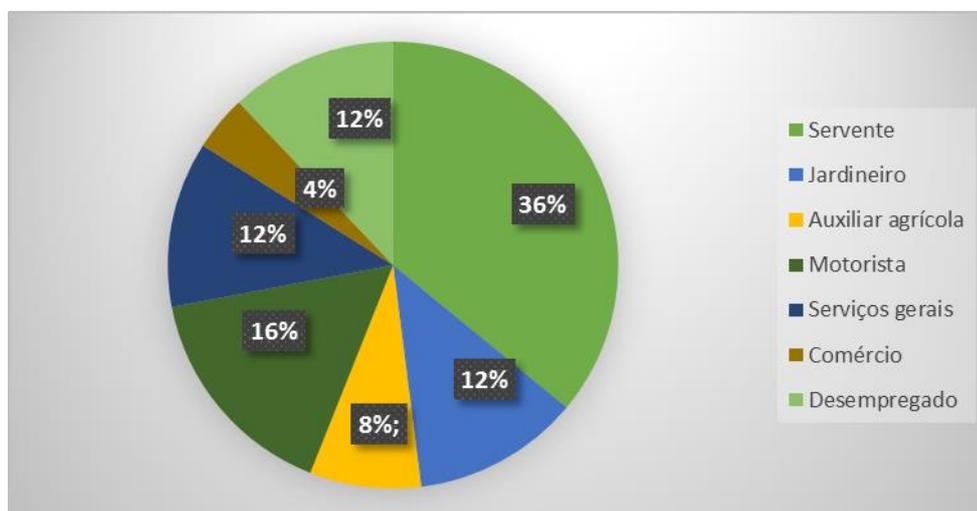
Eu não conseguir terminar os estudos, não consegui fazer nenhum curso técnico, porque sempre trabalhei em serviço pesado e não tinha ânimo pra ir pra escola, hoje vejo o tanto que faz falta, porque todo emprego com carteira assinada, os camaradas pedi estudo. Mais, nunca pensava que que as usinas ia deixar agente na mão, como se nois fosse descartável. (Entrevistado B)

A pouca escolaridade é comprovada também quando detectadas as atividades em que esses trabalhadores foram inseridos após o fim do corte da cana na região (Gráfico 2). A maioria, 36%, passou a trabalhar como servente, entre outros tipos de trabalho que exigem grande esforço físico e não tem carteira de trabalho assinada como serviços gerais. Esses serviços, recebem por dia de trabalho e, as vezes, são esporádicos, ficando sempre a incerteza se no final do mês terá a quantia

necessária para pagar as contas básicas em dia. Com carteira assinada, foi constatado apenas os trabalhadores que laboram como motoristas, auxiliar agrícola e no comércio, somando um total de 28%. E, 12% relataram que no momento da pesquisa estavam desempregados, dependendo, inclusive de cestas básicas fornecidas pelo Sindicato ou outras instituições. Assim como em outros lugares, os cortadores não tiveram acesso a cursos de capacitação para outras atividades e/ou políticas compensatórias que pudessem (re)inserir-los no mercado de trabalho, aumentando o número de desempregados.

Dos oitenta trabalhadores pesquisados, apenas 8%, conseguiram empregos nas usinas como auxiliar agrícola. 72% disseram que almejavam trabalhar nas usinas como motoristas das colheitadeiras, mas, em função da baixa escolaridade, vê como uma possibilidade distante e/ou impossível, e 20% não tem vontade trabalhar nas usinas da região. Para Alves (2007), o capital age ideologicamente, atribuindo aos indivíduos a “responsabilidade” pelo fracasso na sua incorporação ao mercado de trabalho.

Gráfico 2: Ocupação em 2015 dos trabalhadores que cortavam cana na Microrregião de Ituiutaba (MG)



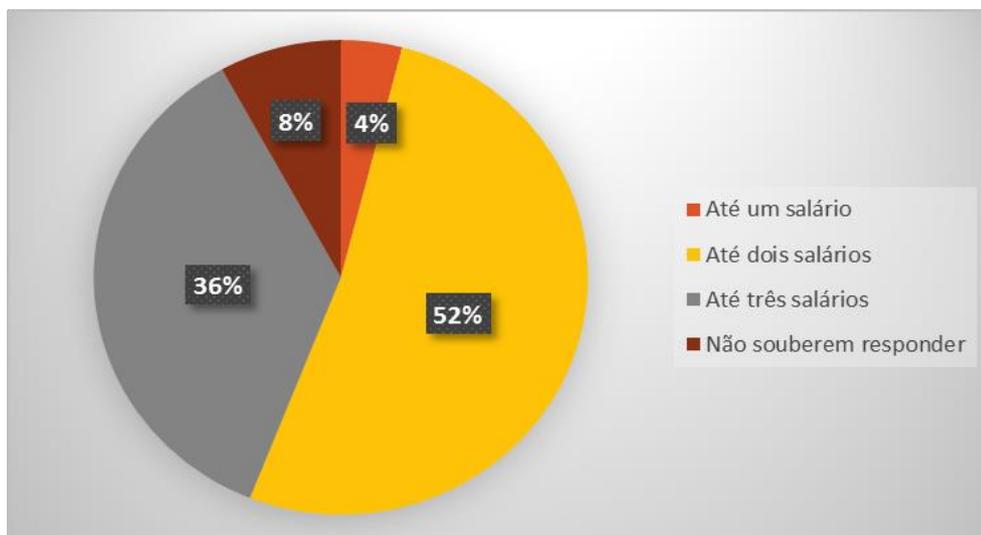
Fonte: Trabalho de Campo (2015).

Org.: Carvalho, R. G., 2016.

Com relação aos salários, 52% afirmaram ter rendimentos entre 1 e 2 salários, inferior ao que recebiam na atividade do corte da cana, e 36%, até 3 salários (Gráfico 3). No corte manual da cana, 80% relataram que tinha rendimentos em média de 3 salários mínimos. Quando questionados se voltariam a trabalhar no corte da cana, 64% responderam que sim, apesar de terem consciência das condições precárias a que são submetidos nesse tipo de atividade; 32% disseram que não, em função do desgaste físico e da idade.

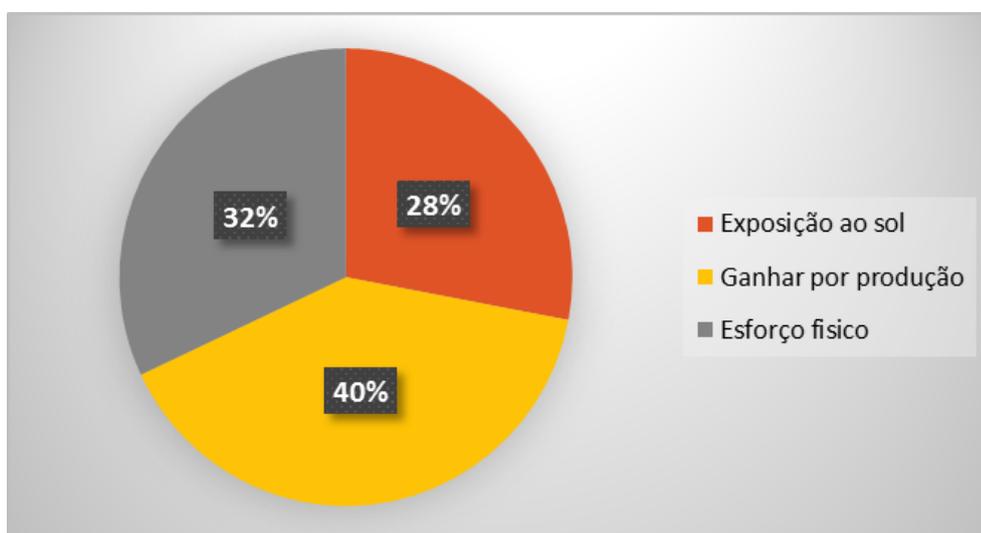
Uma das principais reclamações dos trabalhadores é em relação ao salário recebido atualmente, uma vez que, no corte da cana seus rendimentos eram superiores, uma das razões que os motivariam a voltar a trabalhar nesta atividade, apesar de ser um trabalho temporário que não garante salário os doze meses do ano. O próprio trabalhador consegue perceber a precarização do corte manual da cana, mas, em virtude das necessidades de sobrevivência, se via obrigado a trabalhar em tal atividade. Dos entrevistados, (Gráfico 4), 32% consideram que o corte da cana é um trabalho muito cansativo, em função do esforço físico que é necessário empreender na atividade; 28% destaca a exposição ao sol e 40% acham que ganhar por produção é um dos aspectos mais negativo. Convém destacar, mais uma vez, que o salário do trabalhador está atrelado à quantidade de cana cortada por dia, constituindo uma forma perversa de remuneração, pois é a força de trabalho - a produtividade - que garantirá seu ganho. Os sistemas de remuneração no corte de cana [...] “são armas importantes, disponibilizadas pelo capital, que garantem a um só tempo a manutenção da extração do sobretrabalho, como também o controle do processo de trabalho e da superexploração do trabalho, que chega às raias da semi-escravidão”. (THOMAZ JUNIOR, 2002, p. 20).

Gráfico 3: Rendimento mensal no ano de 2015 dos trabalhadores que cortavam cana na Microrregião de Ituiutaba (MG)



Fonte: Trabalho de Campo (2015).
Org.: Carvalho, R. G., 2016.

Gráfico 4: Maiores dificuldades enfrentadas no corte da cana



Fonte: Trabalho de Campo (2015)
Org.: Carvalho, R. G., 2016.

Por fim, os trabalhadores cortadores de cana-de-açúcar que durante décadas foram utilizados como mão-de-obra precária para manter a atividade em expansão, tem sido, substituídos pelas colheitadeiras, promovendo a extinção quantitativa desses postos de trabalho e o desemprego de milhares de trabalhadores. Mais uma vez, vivencia-se a conjuntura de uma “nova” etapa da modernização conservadora e perversa, sem políticas públicas que diminuam os impactos sociais.

CONSIDERAÇÕES

O processo de mecanização da colheita da cana-de-açúcar no Brasil iniciou a partir da década de 1990 e ganhou impulso nos últimos dez anos, em função, da proibição da queima da cana e também pelas vantagens econômicas para o setor sucroenergético. Na Microrregião de Ituiutaba, esse

processo ocorreu a partir do ano de 2013, promovendo, o desemprego de centenas de trabalhadores, pois, não foram realocados para outras atividades nas usinas.

Nesse interim, os dados revelaram que a maioria dos trabalhadores pesquisados não deixaram de laborar de forma precária, sem carteira assinada, na informalidade e com grande perda salarial. Pelo perfil dos entrevistados, apenas 8% possui o Ensino Médio e isto dificulta a consecução de outros empregos. Além disso, não tiveram acesso a cursos de preparação para outras atividades, o que representa um grande impacto social do processo de mecanização.

É importante considerar que esse processo de mecanização não ocorre apenas na Microrregião de Ituiutaba, mas em todas as regiões produtoras de cana no Brasil que se adequarão ao protocolo ambiental, de forma a extinguir as queimadas até 2018 e, conseqüentemente, o fim do corte manual da cana. Não apenas no âmbito local, mas regional e nacional, ainda há tempo de planejar o destino dos trabalhadores cortadores de cana, com parcerias entre o poder público local, estadual, usinas, instituições de ensino, para o desenvolvimento de projetos de capacitação profissional para eles assumirem novos postos de trabalho que não sejam precários como nos canaviais e a realização da reforma agrária, contemplando também esses trabalhadores.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq e à FAPEMIG, pelo financiamento do projeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. Crise estrutural do capital, trabalho imaterial e modelos de competência: novas dialéticas. In: ALVES, G. et al. (Org.). **Trabalho e educação**: contradições do capitalismo global. Maringá: Práxis, 2006. p. 47-81.

_____. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2. ed Londrina: Práxis, 2007.

ALVES, F. J. C. Por que Morrem os Cortadores de Cana? **Saúde e Sociedade**, v. 15/3, p. 90- 98, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902006000300008>

ANTUNES, R.; SILVA, M. A. M. (Org.). **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 29-77.

COVER, M. **O tranco da roça e a vida no barraco**: um estudo sobre trabalhadores migrantes no setor do agronegócio canavieiro.2011.184f..Dissertação (Mestrado em ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Campina Grande,2011.

IBGE. **Produção Municipal de Minas Gerais 1990/2014**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>, 2015>. Acesso em: 15 abr. 2015.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política – O processo de produção do Capital. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MATOS, P. F. **As tramas do agronegócio nas “terras” do Sudeste Goiano**. 2011. 355 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

MENDONÇA, M. R. A urdidura do capital e do trabalho nas áreas de Cerrado. In: THOMAZ JUNIOR, A.; OLIVEIRA, A. M. S. de; GONÇALVES, M. A. (Org.). **Geografia e trabalho no século XXI**. Presidente Prudente: Centelha/ CEGeT, 2007. p. 84-106. 2007, v. 3.

RAMALHO, C.C. **Os migrantes cortadores de cana do vale do Jequitinhonha**: entre a superexploração e a resistência.114f. Dissertação (Mestrado em política Social), Programa de Pós Graduação em política Social da Universidade Federal do Espírito Santo Vitória,2014.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

SILVA, M. A. M. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

_____. Se eu pudesse eu quebraria todas as máquinas. In: ANTUNES, R.; SILVA, M. A. M. (Org.). **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 29-77.

_____. Trabalho e trabalhadores na região do “mar de cana e do rio de álcool”. **AGRÁRIA**, São Paulo, n. 2, p. 2-39, 2005.

SANTOS, A.P. **O moinho satânico do agronegócio canavieiro no Brasil**: dependência e superexploração do trabalho na região de Ribeirão-SP.2013.303f.Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-graduação em sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SOUZA, A. G.; CLEPS JR, J. O desenvolvimento da agroindústria canavieira no Triângulo Mineiro e seus impactos sobre mão-de-obra e a produção de alimentos. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 19, 2009, São Paulo. CD ROM...São Paulo, 2009, p. 1-16.

SCOPINHO, R. A. **Vigiando a vigilância**: saúde e segurança no trabalho em tempos de qualidade total. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2003.

THOMAZ JUNIOR, A. A. **Por trás dos canaviais os nós da cana**: a relação capital x trabalho e o movimento sindical dos trabalhadores na agroindústria canavieira paulista. São Paulo: Anablume/FAPESP, 2002.

Recebido em: 19/04/2017

Aceito para publicação em: 03/09/2017